SistemaOCB

inovacoop

ESPECIAL ESG NO COOPERATIVISMO

Veja por que o ESG é bom para os negócios, entenda cada um de seus pilares e conheça cooperativas que dão exemplos inspiradores

CONTEÚDOS

1. Introdução
2. ESG:conceito e relação com o cooperativismo
3. Por que o ESG é um bom negócio
4. O primeiro pilar: meio ambiente
5. O segundo pilar: responsabilidade social
6. O terceiro pilar: governança
7. Conheça o ESGCoop
8. Conclusão

Os e-books InovaCoop trazem as reflexões sobre os temas que discutimos nos nossos últimos blogposts e temas complementares com conteúdos afins. O formato PDF é para que você possa salvar, compartilhar e acessar sempre que quiser, mesmo se estiver off-line.

Este e-book resgata os conteúdos abordados nos seguintes materiais:

- ESG no Cooperativismo: exemplos e boas práticas
- 7 provas de que a agenda ESG é um bom negócio
- Guia prático: ESG: O que é e como começar
- Coogavepe cria sistema para aumentar a transparência da comercialização do ouro
- Cooperjohnson: tecnologia promove inclusão de cooperados surdos
- Por que diversidade e inclusão são essenciais à inovação
- Promoção da diversidade nas cooperativas: estamos avançando?

INTRODUÇÃO

A agenda ESG, muitas vezes descrita como uma onda, veio para ficar. Liderada pelas novas gerações, a sociedade começou a dar cada vez mais importância para os impactos dos negócios além dos retornos financeiros: é a ascensão do capitalismo de *stakeholders*, que tem o ESG como sua face mais evidente.

A consequência disso é que o ESG passou a protagonizar, com muitos holofotes, debates e iniciativas nos ambientes econômicos. É difícil encontrar, por exemplo, pesquisas de tendências sobre negócios que não citem, direta ou indiretamente, o ESG.

Durante a pandemia, essa sigla ganhou ainda mais força. Diante da necessidade de repensar as lógicas corporativas em um momento de crescimento repentino das instabilidades sociais, os negócios de impacto fizeram a diferença para muita gente.

NOVAS LÓGICAS

As lógicas de consumo mudaram. O propósito de um produto não se restringe mais ao atendimento das necessidades imediatas e desejos dos usuários. O público está cada vez mais atento ao desperdício de recursos naturais não-renováveis, impactos nas emissões de gases poluentes e condições de trabalho dos empregados.

O mercado já percebeu e encampou esse movimento. O ESG representa, assim, uma estratégia, também, para impulsionar os negócios, fidelizar consumidores, atrair talentos, melhorar a imagem da marca, acessar crédito e obter incentivos fiscais.

Ou seja: ser ESG, além de ajudar a tornar o mundo melhor, também é um bom negócio! Para o cooperativismo, essa é uma ótima notícia. Como veremos, o modelo cooperativista coloca em prática princípios que têm muita aderência às premissas ESG antes mesmo desse conceito existir da forma como o conhecemos hoje!

Neste e-book, vamos entender melhor o que significa ESG, nos aprofundaremos em cada uma de seus pilares, veremos como ele pode impulsionar os negócios e conheceremos cooperativas que dão bons exemplos ESG para inspirar.

Aproveite a leitura!

ESG: conceito e relação com o cooperativismo

O conceito de ESG que conhecemos hoje tem menos de duas décadas. Afinal, o termo foi criado em 2004, em uma publicação chamada *Who Cares Wins*, uma iniciativa conjunta entre o Banco Mundial e a organização Pacto Global.

Seu conceito trabalha nos três seguintes pilares, que serão aprofundados no decorrer deste e-book:

Environmental (ambiental):
práticas corporativas que concernem à conservação do meio ambiente. Isso engloba temas como poluição da água e do ar, eficiência na produção e consumo de energia, mudanças climáticas, emissão de carbono na atmosfera e desmatamento.

Social (social):
tratamento da instituição no relacionamento com as pessoas e a comunidade ao seu redor. Estão inclusos assuntos como proteção de dados, privacidade, promoção de diversidade na equipe, programas de desenvolvimento socioeconômicos, respeito à legislação trabalhista, segurança dos consumidores, entre outros.

Governance (governança):
princípios aplicados na administração da organização. Envolve o relacionamento com governos, políticos e poder público, efetividade de ouvidoria, disponibilização de um canal de denúncias, composição do conselho, estruturação do organograma, transparência e afins.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A agenda ESG abarca conceitos um tanto amplos, de forma que se mostrou importante construir um norte comum para sistematizá-lo.

Esse papel foi fortemente assumido pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs), estabelecidos pela ONU a fim de guiar a jornada para superar os desafios impostos pela Agenda 2030.

Os ODSs são compostos por 17 objetivos interconectados que impactam diretamente os pilares da agenda ESG, indicando um norte comum para os atores econômicos e políticos em prol da sustentabilidade ambiental e social. veja, portanto, quais são os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável:

No universo dos negócios, os ODSs buscam orientar as organizações perante as maneiras de alinhar suas estratégias em favor do desenvolvimento sustentável por meio da definição de prioridades e estabelecimento de metas.

A partir desse processo, as cooperativas podem entender como sua operação é capaz de contribuir para as metas coletivas de sustentabilidade.

Empregando as ODSs no planejamento

Segundo um guia proposto pelo Pacto Global das Nações Unidas, os ODSs ajudam as organizações a:

- Identificar oportunidades futuras de negócios;
- Valorizar a sustentabilidade corporativa;
- Fortalecer as relações com as partes interessadas;
- Investir em um ambiente social e propício aos negócios;
- Utilizar uma linguagem comum com uma finalidade compartilhada.

O COOPERATIVISMO E O ESG

As empresas tradicionais sempre estiveram orientadas para a obtenção do lucro máximo dos acionistas e agora estão tendo que se adaptar a uma lógica completamente diferente. E, como sabemos, mudar a cultura corporativa é um processo complicado que leva tempo.

Já as cooperativas, por outro lado, sempre estiveram voltadas para atender os objetivos sociais e econômicos dos cooperados, sem deixar de lado a preocupação com a comunidade.

Por isso, a pauta ESG pode ser muito mais bem aproveitada e protagonizada pelas cooperativas. No entanto, é necessário realizar uma gestão orientada a dados e comunicar bem esse impacto positivo do cooperativismo.

Na cartilha ESG, ODS e Cooperativismo, o Sescoop/SP defende que: “antes mesmo de se propor os critérios ESG nas organizações, sob a perspectiva de desenvolvimento que contempla o tripé econômico, social e ambiental, o modelo cooperativista sempre esteve atento à perspectiva sistêmica de um desenvolvimento perene e apoiado sobre bases sustentáveis”.

Em seminário organizado pela OCB em parceria com a Apex-Brasil, Fabíola Nader Motta, gerente-geral da OCB, apontou que o objetivo do cooperativismo é promover melhores condições de vida para as pessoas. Isso passa pela valorização do meio ambiente e desenvolvimento das comunidades locais.

Ainda assim, as cooperativas precisam investir na estruturação de suas práticas ESG. Os valores devem ser traduzidos em métricas mensuráveis - e isso pode representar um grande desafio.

O COOPERATIVISMO SOCIAL

Em entrevista à HSM Management, Emanuelle Marques de Moraes, gerente do Instituto Sicoob, defende o caráter civilizatório do cooperativismo. “Ele convoca a sociedade para o trabalho colaborativo, para o senso de comunidade”, argumenta.

Ela acrescenta que o cooperativismo “não está focado no individualismo, mas no ganho coletivo, o que já traz um aspecto social muito relevante, de gerar consciência que leva à ação”. As cooperativas de crédito ainda contribuem para o desenvolvimento regional, diz Moraes, pois mantêm o dinheiro circulando dentro da comunidade, gerando emprego e renda.

Outro ponto de atenção social levantado pela gerente se dá na preocupação com a diversidade. “O desafio não é só de gênero, mas também racial, de pessoas com deficiência, LGBTQIA+ e, mais recentemente, da terceira idade, no chamado etarismo. Uma organização tem que ser reflexo da sociedade”.

Na 57ª edição de seu Boletim de Análise Econômica, a OCB argumenta que as cooperativas não devem deixar de investir na área. A recomendação está sendo seguida, uma vez que há uma série de cooperativas dando bons exemplos de abordagem ESG.

Por que o ESG é um bom negócio

Devido ao adensamento dessa onda ESG, ele se tornou um elemento indispensável para o planejamento estratégico. Por isso, a agenda ESG passou a ganhar cada vez mais espaço e atenção em meio à crescente preocupação com a responsabilidade dos atores econômicos.

As práticas ESG, dessa forma, representam um momento de demanda por uma economia consciente e com impactos ambientais e sociais. Mas não é só isso. Além de ajudar a construir um mundo mais sustentável, a agenda ESG nos negócios também contribui para a competitividade.

Como vimos, o cooperativismo nutre relações estreitas com a agenda ESG - o que coloca o modelo de negócios cooperativista em um lugar privilegiado na hora de transformar o ESG em bons negócios.

Neste capítulo, iremos conhecer sete razões pelas quais a agenda ESG é boa para o meio ambiente, a sociedade, a governança e, também, para os negócios. Dessa maneira, o ESG:

AGREGA VALOR A PRODUTOS E SERVIÇOS

Executivos e profissionais de investimentos consultados para uma pesquisa da consultoria McKinsey concordam que a agenda ESG cria valor tanto a curto quanto a longo prazo. A tendência, conforme a visão dos líderes consultados, é de que o ESG siga aumentando seu impacto no valor das corporações durante, ao menos, os próximos cinco anos.

Essa percepção é refletida pela valorização das instituições que têm programas ambientais, sociais e de governança. Os participantes dizem que estariam dispostos a pagar, em média, 10% a mais para adquirir uma empresa com registro positivo em questões de ESG.

Boa parte desse valor acrescido é consequência da pressão de diversos públicos de interesse. Por exemplo: 58% dos entrevistados enxergam um crescimento da importância do ESG a fim de atender expectativas e exigência dos stakeholders.

A Grant Thornton descobriu, no levantamento "ESG e as empresas de capital aberto", que 86% das lideranças concordam com a hipótese de que podem sofrer impactos negativos no futuro caso não adotem o ESG na gestão.

ESG nos negócios cooperativistas

Tais dados, entretanto, dizem respeito às empresas mercantis abertas a investimentos externos. Mas e no cooperativismo, há pressão para a adoção da agenda ESG?

Segundo uma pesquisa da consultoria PwC com cooperativas de crédito, a resposta é positiva. Elisa Simão, especialista no segmento de cooperativas de crédito da PwC, diz que a conscientização acerca dos riscos climáticos aumentou durante a pandemia:

"As cooperativas de crédito têm sido cada vez mais demandadas pelos seus cooperados e demais partes interessadas a se posicionar de forma concreta, rápida e transparente quanto a sua atuação em relação aos pilares ESG", explica.

Por um lado, receitas sobem; por outro, custos caem

A McKinsey buscou saber, ainda, quais são os principais elos na geração de valor com o ESG nos negócios. Segundo a consultoria, a sustentabilidade gera resultados positivos dos dois lados do balanço: a receita cresce ao mesmo tempo em que há redução de custos.

Por meio de acesso a novas oportunidades e conquista das preferências dos clientes, como veremos mais a fundo na sequência, o ESG amplia a obtenção de receitas.

Por outro lado, a agenda ESG também mostra capacidade de reduzir custos. A execução eficaz de políticas sustentáveis pode ajudar, por exemplo, no combate a gastos operacionais. O uso racional de recursos como água e energia, além de ser benéfico para o planeta, diminui os gastos financeiros.

PROPORCIONA OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS E INOVAÇÕES

A solidez de uma agenda ESG ajuda a cooperativa em sua jornada de expansão, tanto em relação a aumentar a participação em mercados onde já atua, quanto no ingresso a novos mercados.

A adoção de iniciativas sustentáveis já atua como um diferencial competitivo no mundo dos negócios. Uma pesquisa da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) aponta que, em SP, 60% das empresas avaliam critérios ESG para contratar fornecedores.

Se a cooperativa almeja exportar, também precisa ficar de olho em suas práticas de ESG. Quando a competição é global, esses fatores são ainda mais relevantes para que a cooperativa se sobressaia. Diversos países e blocos econômicos mantêm exigências e exigem certificações relacionadas ao tema.

O ESG nos negócios é prioridade na União Europeia, por exemplo. Diversas commodities não podem ser vendidas para países do bloco caso estejam vinculadas ao desmatamento e à degradação florestal. A Marcação CE, certificação obrigatória para negociar um produto na Europa, também leva em conta fatores de proteção ambiental.

Inovando com sustentabilidade

Em um relatório, a Ace Cortex argumenta que instituições inovadoras possuem um ambiente diverso e objetivos focados no desenvolvimento a longo prazo. Com isso, tais características fazem com que organizações que inovam tenham, também, altos padrões de ESG.

Além disso, o ESG traz consigo uma cadeia de valores que caminham lado a lado com a inovação. Em um webinar, Christina Carvalho Pinto, sócia-estrategista da Hollun, afirmou que:

> *O mundo está pedindo inovação. E o mundo está clamando por cuidados com o meio ambiente, com a sociedade por meio de uma governança consciente, capaz de se comprometer nesses mega temas tão emergenciais. E a inovação é a ponte para todos esses conhecimentos".*

Assim, a otimização das práticas sustentáveis, sociais e éticas demanda o desenvolvimento de novos projetos, práticas de gestão, metodologias de produção e formas de reduzir impactos ambientais. As cooperativas que inovam, portanto, largam na frente na busca por essas soluções.

ADAPTA OS NEGÓCIOS ÀS NOVAS TENDÊNCIAS DE CONSUMO

Como mencionamos na introdução, os hábitos de consumo estão mudando rapidamente e uma das tendências mais evidentes é a preocupação com a sustentabilidade.

Cada vez mais pessoas estão levando em consideração a pegada de carbono da vida cotidiana, o que passa diretamente pelo consumo. Consequentemente, a consciência ambiental está galgando posições na lista de prioridades na hora de fechar negócios.

Ou seja: o ESG atende aos anseios dos consumidores e aumenta a competitividade, funcionando como um diferencial perante a concorrência. Diante dessas demandas, o ESG é um bom negócio para conquistar clientes e aumentar a atratividade dos produtos e serviços.

Essa tendência é ainda mais forte para os millennials e a Geração Z, principais responsáveis pelos esforços em prol da redução dos impactos ambientais. O que passa, evidentemente, por suas decisões de consumo.

Melhor rentabilidade

Um outro fenômeno da relação entre ESG e consumo é que boa parte dos consumidores aceita até mesmo pagar mais caro por produtos com produção ética e sustentável. A descoberta da PwC parte do princípio de que o propósito dos produtos não mais se restringe ao atendimento de necessidades imediatas. Agora, o impacto no longo prazo também conta.

> *Os consumidores tinham o costume de exigir qualidade – o que continua sendo importante. Mas agora também estão procurando por fatores como consciência ambiental, diversidade e inclusão",*
>
> argumentou Samrat Sharma, CMO da PwC dos *Estados Unidos.*

CONSTRÓI UMA REPUTAÇÃO DA MARCA SÓLIDA

Uma outra forma que as iniciativas ESG podem contribuir para os negócios das cooperativas é por meio do fortalecimento e construção de marca - o *branding*.

O levantamento da Grant Thornton sublinha o poder que as ações relacionadas ao ESG podem ter na imagem das organizações. Segundo as lideranças que participaram da pesquisa, os dois maiores beneficiados alcançados graças às práticas de ESG foram:

Carlos Alexandre de Oliveira, sócio de Transações/Valuation da Grant Thornton Brasil, explica que a reputação causa impactos diretos no fluxo de caixa.

“O ESG influencia tanto a marca quanto a reputação e, dessa forma, fomenta negócios, aumentando o interesse dos consumidores e impactando positivamente a receita, a geração de fluxo de caixa e a valorização”.

Com isso, as ações relacionadas ao ESG impulsionam a criação de uma imagem positiva. Dentro do cooperativismo, há o exemplo da Rede Cooper. A partir de ações sociais e investimentos na comunidade, a cooperativa se consagrou como a marca mais lembrada em Santa Catarina na categoria cooperativa de alimentos.

Reduzindo riscos de imagem

Somando as novas demandas por consumo sustentável e as estratégias de branding, iniciativas ESG ajudam na prevenção de manchas e estigmas na imagem das cooperativas.

Os números da Grant Thornton mostram que esse motivo representa um fator preponderante na prática da sustentabilidade ambiental e da responsabilidade social.

Por exemplo, quando questionados quais eram as principais motivações para incorporar o ESG na abordagem de investimentos, 24% dos entrevistados responderam: "evitar riscos reputacionais". Essa foi a maior preocupação mencionada, à frente da exigência de conselhos de administração e demandas da clientela.

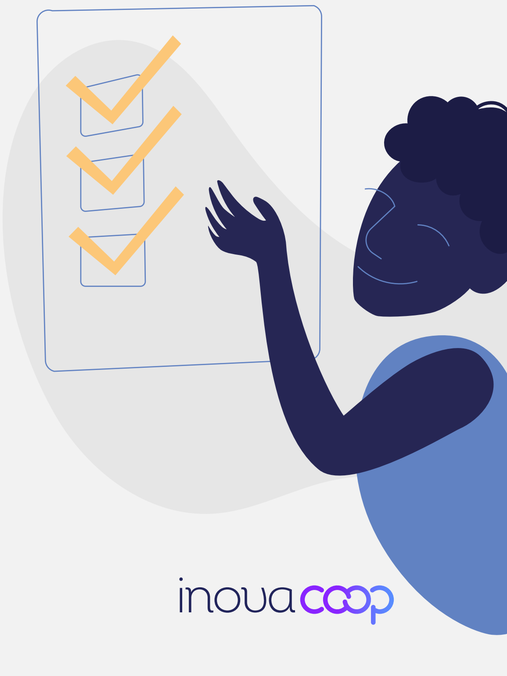
+ + +

MELHORA A RELAÇÃO COM REGULADORES E PODER PÚBLICO

Em meio às pressões de diversos públicos de interesse, como investidores, cooperados e clientes, o poder público também está dando atenção ao ESG nos negócios.

A McKinsey argumenta que a solidez das propostas ESG alivia as pressões regulatórias, o que ainda aumenta a liberdade estratégica. A consultoria observa que em diferentes setores e regiões, o ESG ajuda a "reduzir o risco de que haja alguma ação adversa por parte do governo". Mais do que isso, iniciativas sustentáveis geram suporte governamental.

Em uma pesquisa que visa entender melhor o aspecto tributário do ESG, a PwC enxerga uma oportunidade de reformular os relatórios tributários como uma comunicação positiva para os negócios. Os tributos, argumenta a consultoria, são elementos fundamentais para os três pilares do ESG.



Mais de 80% dos respondentes avaliam que incentivos fiscais são relevantes ou muito relevantes para a implementação do ESG em seu segmento. Esses incentivos, portanto, podem contribuir para a preservação do meio ambiente e favorecer o acesso a direitos, bens e serviços pelas diversas parcelas da sociedade.

FACILITA O ACESSO A CRÉDITO E CAPITAL

As instituições financeiras são as maiores impulsionadoras da agenda ESG nos negócios. Os dados da Grant Thornton apuraram que 100% das organizações do setor de finanças consultadas consideram os aspectos ESG dentre os temas prioritários.

Diante desse cenário, o ESG se tornou um fator relevante para a avaliação e a oferta de crédito. Assim, métricas envolvendo os resultados das políticas ambientais, sociais e de governança são utilizadas como critérios para a liberação de recursos.

Dados da consultoria Bain & Company indicam que o financiamento de projetos vinculados a ESG cresce rapidamente e oferece menor risco, quando comparados aos que não são sustentáveis.

Empréstimos vinculados à agenda ESG são os que mais ganham espaço no mercado de crédito corporativo. Para se ter uma ideia, dos 102 bilhões de euros emitidos na Europa em 2019, 35 bilhões consistiram em empréstimos verdes. Além disso, outros 67 bilhões de euros foram destinados para outras operações de crédito vinculadas à sustentabilidade.

Fomento ao desenvolvimento sustentável no Brasil

No Brasil, também há um movimento de priorização e incentivo à agenda ESG nos negócios por meio da disponibilização de crédito, sobretudo nos bancos de desenvolvimento.

Esse é o caso do BDMG (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais). Mais de 60% dos financiamentos proporcionados pela instituição foram vinculados a pelo menos um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU.

Por exemplo:
os recursos destinados a projetos de energias renováveis quase chegaram a R$ 170 milhões.

IMPULSIONA A PRODUTIVIDADE E A ATRAÇÃO DE TALENTOS

Em meio a uma crescente busca por propósitos e valores no mundo profissional, o ESG também pode ajudar a atrair e reter profissionais talentosos e qualificados. Isso acontece porque colaboradores com senso de pertencimento e conexão produzem melhores resultados.

Quanto mais sólida é a percepção de que o trabalho tem um impacto positivo na sociedade, maior é a motivação de boa parte das equipes, argumenta a McKinsey. Dessa forma, o senso de propósito inspira, e o ESG ajuda a construir essa sensação.

A consultoria de recursos humanos Robert Half descobriu, ainda, que 83% dos profissionais levam as práticas ESG em consideração na hora de aceitar ou recusar uma oferta de emprego. Ou seja, a cooperativa que quiser contar com profissionais capacitados e engajados precisa levar em conta a agenda ESG nos negócios.

O primeiro pilar:

meio ambiente

Percebe-se, então, que não faltam incentivos para adotar a agenda ESG no mundo dos negócios.

Portanto, é hora de conhecer mais a fundo as três letras que compõem a sigla e entender, por meio de tendências, impactos setoriais e exemplos práticos, como o cooperativismo pode assumir um protagonismo cada vez maior na jornada coletiva rumo ao desenvolvimento sustentável.

A PREOCUPAÇÃO AMBIENTAL

O meio ambiente ocupa o centro de preocupações ao redor de todo o globo e, já que as mudanças climáticas representam problemas sistêmicos causados e sentidos pelo mundo todo, elas precisam ser enfrentadas por meio da conjunção de esforços.

A Organização Meteorológica Mundial (OMM) revelou que os últimos oito anos podem ter sido os mais quentes já registrados. Esse fenômeno causa impactos em múltiplos aspectos, como a produção de alimentos, a deterioração dos biomas e o equilíbrio da fauna e da flora.

Por esse motivo, os negócios de todos os segmentos precisam levar em conta o impacto ambiental de suas operações e encontrar alternativas para neutralizá-los ou, ao menos, amenizá-los o quanto for possível.

O PRIMEIRO PILAR DO ESG LEVA EM CONTA ASPECTOS REFERENTES A, DENTRE OUTROS:

Emissões de gases causadores do efeito estufa:
equipamentos, máquinas e processos logísticos que empregam combustíveis fósseis contribuem para o aquecimento global. Uma cooperativa sustentável deve atuar para reduzir essas emissões ao máximo.

Eficiência energética:
investimentos em energia limpa, renovável e eficiente faz com que a cooperativa produza mais utilizando menos recursos, economizando eletricidade e diminuindo impactos ambientais.

Gestão de resíduos:
deve haver um grande cuidado com o respeito às normas para a gestão de resíduos e efluentes residuais da produção, o que impacta tanto nos custos quanto nos impactos.

Utilização de recursos naturais:
quando os processos produtivos aproveitam as matérias-primas derivadas de recursos naturais ao máximo. Consequentemente, a cooperativa vai precisar adquirir menos insumos, o que melhora a eficiência e diminui a geração de resíduos.

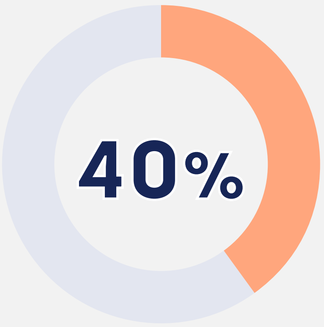
O AGRONEGÓCIO SUSTENTÁVEL

O Brasil é um dos maiores protagonistas da produção agropecuária mundial, e o cooperativismo representa uma fatia enorme desse mercado. Até 2030, de acordo com projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a produção agrícola nacional deve crescer mais de 20%.

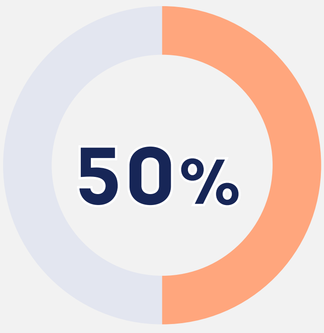
Com esse crescimento, as demandas pelos recursos naturais também crescem - o que requer atenção especial. Essa discussão é centro do relatório Importância da agenda ESG no agronegócio, produzido pela consultoria PwC.

AS ESTIMATIVAS DA EMBRAPA SÃO DE QUE, ATÉ O FIM DESSA DÉCADA NO SEGMENTO:

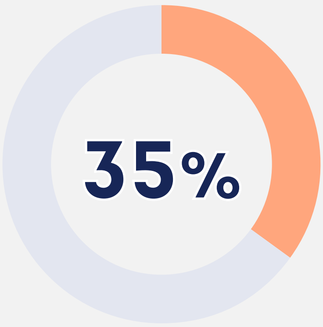
A demanda por energia irá subir



A demanda por água crescerá



A expansão necessária da produção de alimentos será de



Todos esses são fatores que causam impactos ambientais e precisam ser encarados pelo Ramo agropecuário.

Cocamar: sustentabilidade no campo

A Cocamar Cooperativa Agroindustrial soma 97 unidades operacionais, espalhadas nos estados do Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul. A instituição reúne mais de 16 mil cooperados que atuam na produção de soja, trigo, café, milho e laranja. A esses números notáveis, ela ainda acrescenta mais um: quase 40 projetos sustentáveis.

A cooperativa relaciona suas iniciativas conforme seus impactos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Um deles, por exemplo, é o Terra Urbana, voltado à produção de verduras e legumes em espaços urbanos ociosos, beneficiando famílias de baixa renda e alinhado ao primeiro ODS.

Produção de soja sustentável

Enquanto cooperativa agropecuária, a questão ambiental se apresenta como a mais premente para o ESG da Cocamar. Diante disso, a instituição norteia sua produção de soja por meio de uma política sustentável durante todas as etapas da cadeia produtiva que envolve o grão.

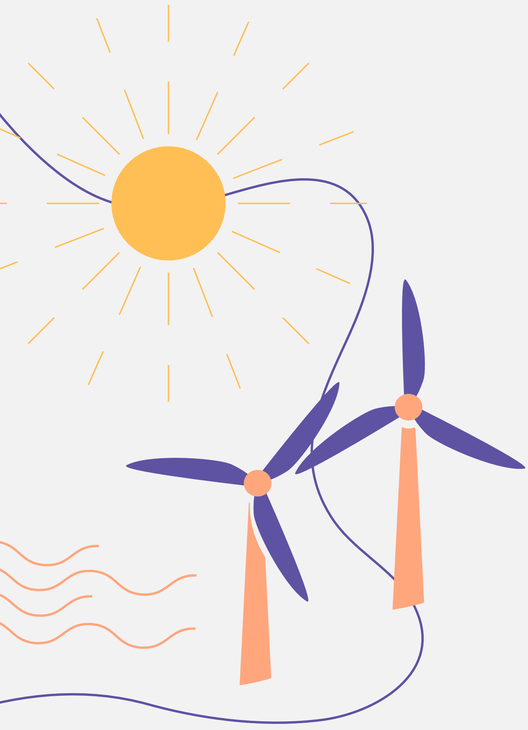
As práticas sustentáveis começam na produção da semente, seu beneficiamento e manejo do solo para cultivo. Isso se dá com o emprego de métodos de preservação do ambiente, utilização de tecnologias durante a lavoura e a colheita.
As boas práticas seguem todo o caminho produtivo, até a distribuição de produtos ao mercado.

Não à toa, a cooperativa ingressou no Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU), a maior rede de sustentabilidade do planeta. A Cocamar foi certificada com o selo Ouro ODS.

AS ENERGIAS RENOVÁVEIS NO COOPERATIVISMO

A natureza da matriz energética é uma das maiores preocupações em relação aos impactos dos negócios no meio ambiente. Felizmente, o Brasil se destaca quando o assunto é energia renovável: a matriz energética brasileira apresenta um índice renovável de 84% perante aos 27% da média mundial.

Além do impulso ao desenvolvimento sustentável, esse elemento apresenta oportunidades nos negócios. Para as cooperativas, gerar ou ter o controle da energia necessária para suas atividades faz toda a diferença, e é por isso que o Sistema OCB produziu uma cartilha acerca da adoção das energias renováveis no cooperativismo.



A demanda energética do cooperativismo é estimada em 8% em relação a do país. Por sua vez, a geração de energia elétrica com biogás e mobilidade, a partir de biometano, são oportunidades de negócios para todos os tipos de cooperativas, sejam elas agropecuárias, de crédito, de eletrificação rural de consumidores e/ou produtores de energia.

Certel e Sicredi: intercooperação com responsabilidade ambiental

Com mais de 5 milhões de associados distribuídos por 24 estados brasileiros, a cooperativa de crédito Sicredi também reúne medidas em prol da sustentabilidade. A instituição é integrante do supracitado Pacto Global da Organização das Nações Unidas (ONU) para os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Ao notar que a demanda por crédito para financiamento de projetos de energia solar crescia em uma proporção que a cooperativa não era capaz de atender, o Sicredi firmou uma parceria. Junto da International Finance Corporation (IFC), a instituição formou uma linha de crédito de aproximadamente R$ 600 milhões para financiar energia solar a seus cooperados.

> *A emissão do Sicredi demonstra a grande oportunidade que as instituições financeiras têm de impulsionar o mercado de títulos verdes (green bonds) e a economia do Brasil de maneira sustentável. Esperamos que essa operação seja um grande passo para o setor de energias renováveis no país".*
>
> Tathyanne Gasparotto,
> Diretora de regiões da Climate Bonds Initiative.

Essa iniciativa está registrada no nosso Radar da Inovação e pode ser conferida com detalhes neste link!

Abastecendo veículos elétricos

Esse não é o único bom exemplo da Certel no que diz respeito ao caráter sustentável da produção de energia que marca presença no Radar da Inovação!

Uma outra iniciativa da cooperativa é a criação de postos de abastecimento para carros elétricos, com o intuito de impulsionar a adoção de alternativas aos combustíveis fósseis.

Os carros elétricos emergem como atores de uma revolução no mercado de locomoção condizente com as preocupações ambientais crescentes. A partir desse cenário, a coop instalou um eletroposto gratuito em Teutônia, sua cidade de origem. A energia distribuída é limpa, gerada através de placas solares.

COOPERATIVISMO DE CRÉDITO E OS RISCOS AMBIENTAIS

A preocupação ambiental também está presente no planejamento no mercado financeiro e bancário e o cooperativismo de crédito não fica de fora desse movimento, segundo a pesquisa da consultoria PwC com cooperativas de crédito.

Quase todas as cooperativas de crédito avaliadas pela consultoria (98%) levam em conta os riscos socioambientais na análise de crédito. Procedimentos dessa natureza são uma exigência do Banco Central, que aumentou ainda mais as regulações sobre o assunto de alguns anos para cá.

Ao todo, 78% dos dirigentes de cooperativas de crédito que foram entrevistados afirmam que suas coops oferecem produtos financeiros que visam fomentar projetos socioambientais. E essa taxa tende a aumentar!

Essa perspectiva existe porque, dentre as cooperativas que ainda não ofertam esse tipo de linha de crédito, 100% avaliam incorporar novos produtos que se relacionam ao ESG.

A RESPONSABILIDADE AMBIENTAL NO RAMO TRANSPORTE

O mercado de transporte e logística está no centro das discussões acerca das maneiras de reduzir as emissões de gases poluentes. Afinal, a queima de combustíveis fósseis representa uma grande fatia das emissões de carbono na atmosfera.

Ao ConexãoCoop, o advogado especialista em direito cooperativo Fernando Lucindo ponderou que o Ramo precisa levar a responsabilidade ambiental a sério, prestando atenção nos impactos futuros e sem perder os valores cooperativistas de vista:

“Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU são um importante norte do qual as cooperativas não devem se afastar. A educação e conscientização dos cooperados com um desenvolvimento sustentável deveria ser um aperfeiçoamento constante. É preciso buscar alternativas aos combustíveis fósseis. A opção pela utilização de veículos de propulsão elétrica também seria uma importante iniciativa”.

Intercooperação sustentável nas estradas

O projeto MinasCoop Energia é um exemplo de cooperativas que se uniram para encontrar soluções ligadas à utilização de energia limpa, articulado pelo Sistema Ocemg com apoio do Governo do Estado de Minas Gerais.

O programa consiste em medidas de incentivo à construção de usinas fotovoltaicas a fim de suprir as demandas de energia de suas unidades. Além disso, parte da energia produzida pela iniciativa é doada para entidades filantrópicas de saúde.

O MinasCoop Energia já inaugurou duas usinas fotovoltaicas e já tem mais uma em processo de desenvolvimento.

O segundo pilar:

responsabilidade social

A segunda letra do ESG remete à responsabilidade social, algo intimamente ligado à natureza e aos princípios do cooperativismo. O princípio cooperativista de Interesse pela comunidade traz muitas ideias que foram disseminadas pela ascensão da agenda ESG. Confira a atual redação do 7° princípio:

> *"As cooperativas trabalham em prol do desenvolvimento sustentável de suas comunidades por meio de iniciativas aprovadas pelos".*

Muito do que a responsabilidade social embutida na agenda ESG já está presente no DNA das cooperativas. Alguns dos elementos que dão validam o caráter social do ESG são, dentre outros:

- Apoio a programas de desenvolvimento social;
- Incentivo à educação, esporte e lazer;
- Inclusão social de grupos vulneráveis;
- Respeito aos direitos humanos e à legislação trabalhista;

Vamos conhecer algumas formas com que o cooperativismo pode praticar o "S" do ESG e conhecer exemplos inspiradores. Mas sempre lembrando: a atuação é bastante ampla, e cada cooperativa, a depender de sua atuação e dos desafios sociais locais, terá de entender o contexto em que se encontra para formular projetos eficazes.

A DIVERSIDADE FAZ A FORÇA

A inclusão está no cerne da responsabilidade social, por meio do incentivo à construção de equipes mais diversas.

A diversidade é a coexistência de valores, culturas, etnias, religiões, raças, gênero, orientação sexual, status socioeconômico, idade, habilidades. Existem pessoas com culturas, hábitos e origens diferentes. Isso faz com que existam percepções variadas sobre a vida, o trabalho e o ensino. Da mesma maneira, há demandas e interesses diferentes devido à diversidade.

Do ponto de vista do negócio, é interessante praticar a inclusão para criar produtos e serviços que estejam de acordo com as demandas do público existente na sociedade. Assim, a inclusão acontece por meio da colaboração, colocando pessoas com diferentes perspectivas para resolverem conflitos e desafios em conjunto. Isso gera resultados mais criativos e inovadores.

A legislação ou o desejo de criar uma imagem positiva são motivadores para promoção da diversidade em organizações. Entretanto, não deveriam ser os principais, pois a diversidade aumenta o potencial de obter lucros acima da média, conforme aponta o estudo *Diversity Matters* (Diversidade Importa), da McKinsey.

O PAPEL DO COOPERATIVISMO NA INCLUSÃO

Um dos papéis sociais do cooperativismo é a inclusão social e a diversidade. Como, então, as cooperativas se situam em meio a essa jornada? O Anuário do Cooperativismo Brasileiro traz respostas importantes.

Os homens ainda são maioria no cooperativismo brasileiro - 60% de todos os cooperados. O equilíbrio de gênero varia consideravelmente a depender do Ramo. O cooperativismo de saúde apresenta a divisão mais igualitária (54% de homens e 46% de mulheres), seguido de perto pelos Ramos consumo (55% a 45%) e crédito (57% a 43%).

Por outro lado, o Ramo transporte é substancialmente dominado por homens (92%, contra 8% de participação feminina). O setor cooperativista agropecuário também aponta essa mesma tendência, com 84% de domínio masculino.

Outro ponto de atenção é a participação das mulheres nos postos de liderança. Embora a situação tenha melhorado em 2021, somente 20% dessas posições são ocupadas por mulheres - em 2020, essa proporção era de 17%.

Sistema OCB atua para melhorar a diversidade no coop

O crescimento da participação não apenas de mulheres, mas também de outros grupos no cooperativismo, como o dos jovens, é o foco de ações do Sistema OCB.

É o caso, por exemplo, do Comitê Nacional de Mulheres, o Elas pelo Coop, um fórum consultivo que tem como missão ajudar na definição de estratégias que sejam capazes de aumentar a presença de mulheres na liderança do movimento cooperativista.

Já para aumentar a participação dos jovens no cooperativismo, a OCB criou, ainda, um Comitê de Jovens, o Geração C, que tem como finalidade assessorar o Sistema OCB em atividades de representação institucional, bem como de promoção social, perante as cooperativas, a sociedade civil, os Três Poderes e os organismos internacionais.

É sempre importante lembrar que o aumento da diversidade no cooperativismo não depende somente da contratação de pessoas com perfis diversos. É necessário, sobretudo, investir em treinamento e conscientização.

COOPERJOHNSON: INCLUSÃO DE COOPERADOS SURDOS

A pluralidade e a acessibilidade devem ocupar um lugar privilegiado nas ações dentro do cooperativismo. E é isso que fez a cooperativa de crédito CooperJohnson, que utilizou o potencial da tecnologia para prestar um melhor atendimento aos cooperados portadores de deficiência auditiva por meio da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Após identificar a demanda por acessibilidade no atendimento de cooperados surdos, a CooperJohnson começou a avaliar as alternativas de ferramentas capazes de trazer mais acessibilidade ao atendimento.

O serviço escolhido foi o ICOM, uma central de Libras com tradução simultânea em tempo real. A ICOM usa tecnologia para conectar os intérpretes de Libras com o negócio que deseja proporcionar inclusão em seus atendimentos.

Na prática, a ICOM funciona da seguinte maneira: por meio de uma vídeo chamada o sistema faz a triangulação da comunicação entre o intérprete, o surdo e o ouvinte. Então, ao receber a ligação de um cliente surdo, o usuário aciona a central de tradução simultânea e estabelece a comunicação por vídeo.

A partir daí o intérprete faz a intermediação da conversa, proporcionando clareza na troca de informação para ambos os lados. Como resultado dessa iniciativa de inclusão social para os cooperados surdos, a CooperJohnson percebeu um aumento na quantidade de contatos realizados por esse público. Confira essa e outras histórias de inclusão e diversidade aqui!

O “S” no coop de crédito

A pesquisa da PwC sobre o ESG no cooperativismo de crédito também mensurou as ações sociais mais praticadas pelas cooperativas de crédito. Assim, segundo seus dirigentes, elas são:

85% Educação financeira para a comunidade local

61% Inclusão financeira para pequenos negócios

50% Programa de diversidade e inclusão nos processos de contratação de funcionários

26% Inclusão digital para a comunidade local

O RAMO AGROPECUÁRIO E A SEGURANÇA ALIMENTAR

O cooperativismo brasileiro acumula, ainda, um lugar de destaque na jornada global em prol da segurança alimentar. A insegurança alimentar ocorre quando, devido a contextos geográficos, econômicos e sociais não há o acesso adequado à alimentação capaz de atender às necessidades nutritivas.

Dessa maneira, a insegurança alimentar pode decorrer tanto da indisponibilidade dos alimentos quanto da falta de recursos para a obtenção de comida. Ou seja, tanto a cadeia produtiva e logística quanto a pobreza estão intrinsecamente ligadas à insegurança alimentar. Ela existe em uma série de camadas:

Incerteza em relação à capacidade de obter comida (entre estado de segurança alimentar e moderada condição de insegurança)

Abrindo mão de qualidade e variedade na comida (insegurança alimentar moderada)

Reduzindo a quantidade de comida e pulando refeições (insegurança alimentar moderada)

Sem acesso a refeições por um dia ou mais (insegurança alimentar severa)

De acordo com o relatório da FAO sobre o estado segurança alimentar e da nutrição no mundo, a estimativa é de que entre 702 e 828 milhões de pessoas foram afetadas pela fome em 2021. O número cresceu cerca de 150 milhões desde o início da pandemia, que agravou a situação: mais 103 milhões de pessoas entre 2019 e 2020 e mais 46 milhões em 2021.

A guerra entre Rússia e Ucrânia também interfere na segurança alimentar global, já que os dois países envolvidos estão entre os produtores mais importantes de commodities do mundo. Soma-se a isso o aquecimento global, que vimos no primeiro pilar, e as cadeias produtivas ficam prejudicadas, causando um impacto social marcante.

Coop brasileiro faz a diferença

No Brasil, mais de 60 milhões de pessoas sofreram com a insegurança alimentar entre 2019 e 2021, dos quais mais de 15 milhões vivenciaram o grau severo. Diante desse cenário, o setor agropecuário brasileiro se destaca dos demais por sua resiliência em períodos de crise econômica e financeira.

Assim, o segmento lidera e protagoniza ações em prol da inovação e da sustentabilidade, dando suporte à segurança alimentar no Brasil e no mundo. O cooperativismo agropecuário brasileiro é peça-chave para proporcionar segurança alimentar, atuando em todos os elos da cadeia do agronegócio.

Além de fortalecer o caráter socioeconômico no campo, apoiando os produtores rurais e o meio em que estão inseridos, as cooperativas do Ramo promovem o bem-estar alimentar de toda a sociedade. Esse papel fica evidente quando analisamos a participação das cooperativas agropecuárias na produção de insumos da cesta básica:

75% Trigo

55% Café

53% Milho

52% Soja

50% Suínos

46% Leite

43% Feijão

No contexto global de fragilidade social, o cooperativismo agropecuário é um dos principais combatentes do enfrentamento à segurança alimentar, da fome e da desnutrição, reforçando ainda mais a importância que as cooperativas têm para o “S”.

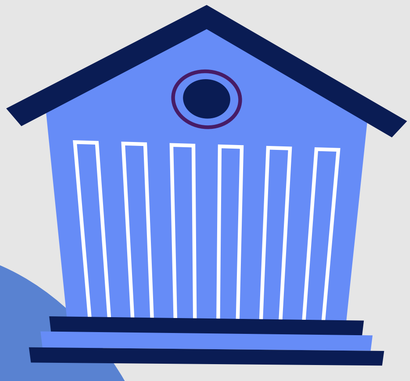
O terceiro pilar:

governança

Por fim, vem a letra menos chamativa e midiática, mas tão importante quanto as outras, do ESG. A governança corporativa pode até ser menos visível para o público externo, porém seu valor para a gestão ética e a integridade no mundo dos negócios é enorme.

A governança diz respeito às práticas e medidas que visam garantir uma operação ética, transparente e calcada na lisura dos processos, tanto internos quanto no relacionamento com atores externos. Assim, a governança, dentro do contexto de ESG, aborda temas como:

- Criação de um departamento de *compliance*
- Medidas de prevenção à corrupção
- Regulamentos internos com fins de evitar conflito de interesses
- Ouvidoria externa e disponibilização para canal de denúncias internas
- Respeito à legislação e às regulamentações setoriais
- Prestação de contas a cooperados e órgãos reguladores



GOVERNANÇA NAS COOPERATIVAS

Em relação ao cooperativismo, a transparência é um elo central, devido à estrutura descentralizada e a gestão democrática. Por isso, os dados organizacionais devem ser apresentados com clareza, de forma que todos associados possam fazer um diagnóstico da situação em que a coop se encontra e ajudá-la a tomar melhores decisões.

Com isso, os princípios centrais para a governança nas cooperativas são calcados nos seguintes elementos, que se relacionam com os pilares prévios, segundo o Manual de Boas Práticas de Governança Cooperativa do Sistema OCB:

- **Autogestão:** processo pelo qual os próprios cooperados, de forma democrática e por meio de organismos de representatividade e autoridade legítimos, assumem a responsabilidade pela direção da cooperativa e pela prestação de contas da gestão. Os agentes de governança são responsáveis pelas consequências de suas ações e omissões.

- **Senso de justiça:** o tratamento dado a todos os cooperados com igualdade e equidade em suas relações com a cooperativa e nas relações desta com suas demais partes interessadas.

- **Transparência:** trata-se de facilitar voluntariamente o acesso das partes interessadas às informações que vão além daquelas determinadas por dispositivos legais, visando à criação de um ambiente de relacionamento confiável e seguro.

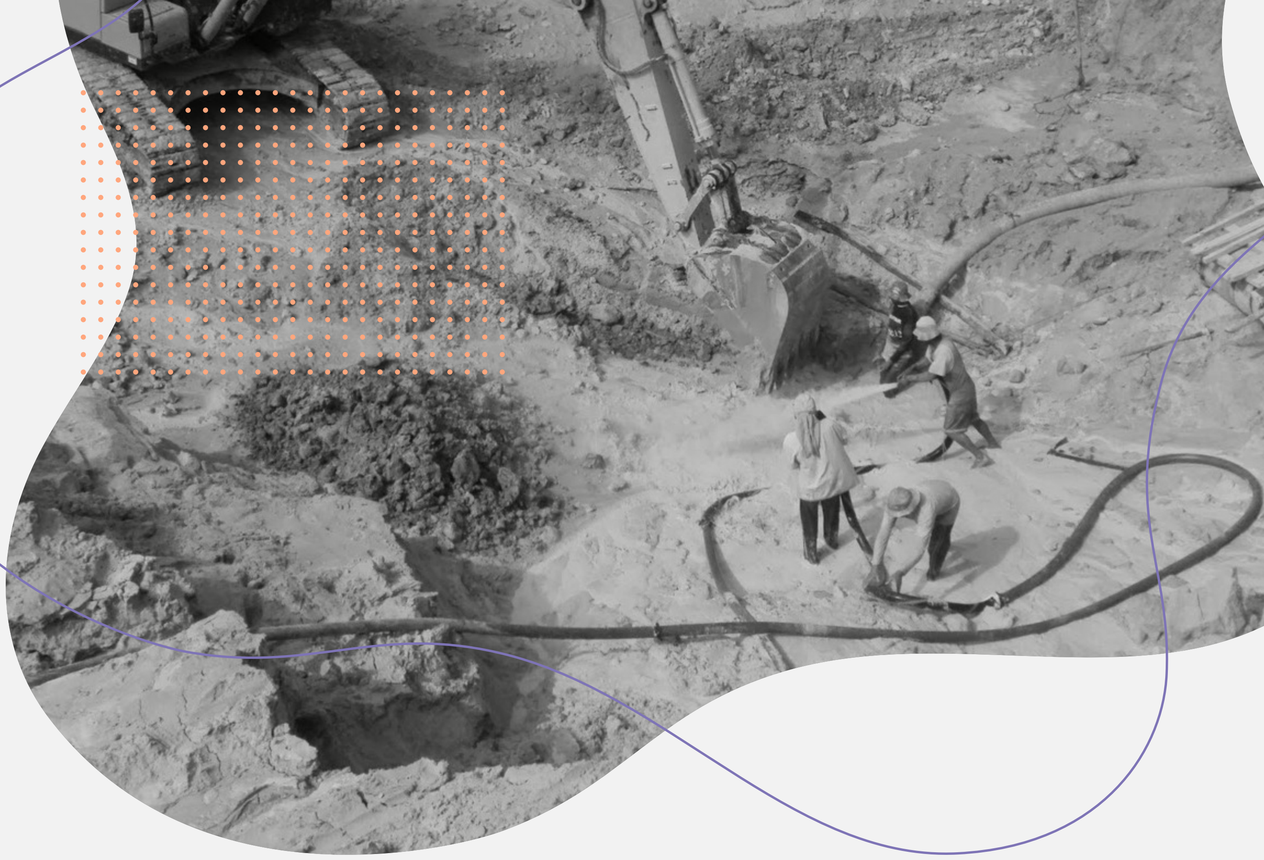
- **Educação:** é o investimento no desenvolvimento do quadro social visando à formação de lideranças, para que estas tragam em seus conhecimentos de gestão e administração a essência da identidade cooperativa, base de sucesso e perpetuidade de sua doutrina.

- **Sustentabilidade:** a busca por uma gestão ética nas relações internas e externas para geração e manutenção de valor a todas as partes interessadas, visando à perenidade da cooperativa, considerando os aspectos culturais, ambientais, sociais e econômicos.

Atores da governança no cooperativismo

O material lista, também, quais são os agentes da governança dentro das cooperativas:

- **Cooperados:** são as pessoas que contribuem para a formação do capital social da cooperativa. Consistem, ao mesmo tempo, de proprietários e usuários da sociedade.
- **Assembleia Geral:** órgão soberano da cooperativa, com poderes de tomar decisões relacionadas aos negócios, em prol do desenvolvimento da instituição. Suas deliberações vinculam todos os cooperados.
- **Conselho de administração/Diretoria:** órgão colegiado, previsto em lei e eleito pela Assembleia Geral, encarregado do processo decisório da cooperativa na esfera de seu direcionamento estratégico.
- **Conselho fiscal:** colegiado eleito pela Assembleia Geral com poderes estatutários e legais de fiscalizar os atos da administração da cooperativa.
- **Conselho consultivo:** órgão facultativo que pode ser previsto no estatuto da coop, formado, preferencialmente, por conselheiros independentes ou externos, a fim de apoiar o conselho de administração.
- **Comitês sociais ou núcleos:** podem ser divididos por região geográfica, produto, especialidade, gênero ou faixa etária e são compostos por cooperados.
- **Comitês técnicos:** órgãos de apoio e suporte ao Conselho de Administração/Diretoria para assuntos que requerem maior profundidade e detalhamento.
- **Auditoria independente:** tem a atribuição básica de verificar se as demonstrações econômico-financeiras refletem adequadamente a realidade da cooperativa e apontar melhorias nas práticas dos controles internos.
- **Gestão executiva:** conjunto de responsáveis pela execução das diretrizes fixadas pelos gestores da cooperativa.



COOGAVEPE: INOVAÇÃO EM PROL DA TRANSPARÊNCIA NA MINERAÇÃO

No Radar da Inovação, contamos o caso de uma cooperativa que atua no setor de mineração, que é fortemente regulado e fiscalizado, e usa a tecnologia para deixar seu processo de comercialização mais transparente e juridicamente seguro.

Trata-se da Coogavepe, a Cooperativa dos Garimpeiros do Vale do Rio Peixoto, que opera no Mato Grosso e tem um histórico de projetos socioambientais para uma mineração consciente e legal. Com o tempo, a Coogavepe identificou a necessidade de obter mais transparência e controle na primeira comercialização do ouro, extraído de suas terras.

Por isso, a coop criou um sistema para controle e rastreabilidade do minério de ouro comercializado pelos garimpeiros junto aos postos de compras de ouro das Distribuidoras de Títulos e Valores Mobiliários (DTVMs).

Com a instalação de sistema de acompanhamento e monitoramento das comercializações, a Coogavepe consegue ter uma melhor clareza na quantidade de ouro produzido nos subsolos da cooperativa e o valor dessas comercializações. Essa transparência, de acordo com a presidente da entidade, Solange Barbosa, trouxe mais segurança jurídica, fiscal e tributária aos atores do processo.

AvaliaCoop: governança e gestão no cooperativismo

O Programa de Governança e Gestão AvaliaCoop visa promover a autogestão das cooperativas por meio da adoção de boas práticas de gestão e governança.

O diagnóstico foi desenvolvido com base no Modelo de Excelência da Gestão (MEG), da Fundação Nacional da Qualidade (FNQ) e no Manual de Governança Cooperativa, do Sistema OCB. A metodologia foi adaptada para atender às peculiaridades do modelo de negócios do cooperativismo.

O programa é aplicado a partir de instrumentos de avaliação que permitem um diagnóstico assertivo em relação a dois pilares: gestão e governança. A estrutura baseada na realização de ciclos anuais proporciona a possibilidade de evolução contínua a cada ciclo de planejamento, execução, controle e aprendizado.

Confira neste Guia Prático como funciona o diagnóstico de Governança e Gestão, veja exemplos de cooperativas que evoluíram com o programa e saiba como inscrever a sua coop.

ESG na prática: conheça o ESGCoop

O ESG esteve em pauta durante a Semana da Competitividade, produzida pelo Sistema OCB e com participação do InovaCoop. Tarcila Ursini, advogada e conselheira independente de diversas instituições, apontou que “o cooperativismo já tem em sua raiz o ESG”. Ela seguiu: “o cooperativismo é o que o mundo precisa, porque o social e o econômico são compatíveis”.

Durante a Semana da Competitividade, o Sistema OCB lançou o Fundamento ESGCoop, ideias que serão a base para a construção de um projeto que visa mapear e disseminar ações do cooperativismo que materializam a aderência à pauta.

Segundo Márcio Lopes Freitas, presidente da OCB, o cooperativismo precisa liderar a transformação do mercado atento à sustentabilidade, cuja performance está sendo medida pela orientação ESG:

> *Vamos manter nossa âncora de princípios e valores no ESGCoop. Criaremos juntos métricas e caminhos para avançarmos ainda mais, em especial, nos comitês de mulheres e jovens que são as lideranças para a transformação”.*
>
> Márcio Lopes Freitas,
> Presidente da OCB

ESGCoop: como começar

Para apoiar as nossas cooperativas na demonstração ao mundo que elas já nasceram ESG, o programa ESGCoop terá como foco a competitividade e a sustentabilidade do nosso modelo de negócio.

Durante meses, as unidades estaduais e cooperativas foram consultadas, a fim de realizar um levantamento do que está sendo feito no mundo. Com o apoio deste grupo de trabalho, o projeto abarca os seguintes pilares:

O mapeamento das ações já realizadas no cooperativismo;

A definição e organização de indicadores conectados com o modelo de negócio cooperativista;

A escolha de caminhos coletivos de evolução para gerar maior impacto positivo possível;

A formação de lideranças ESG.

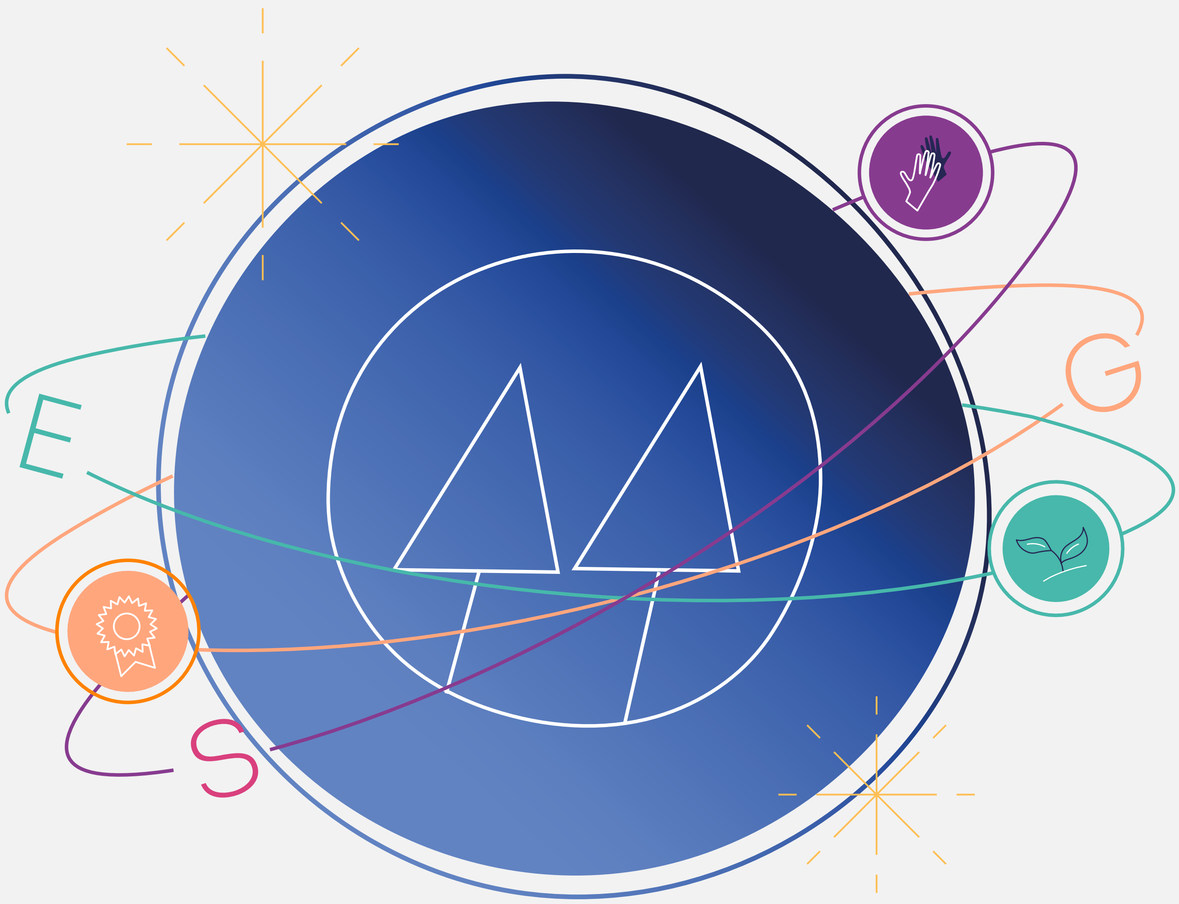
Esta solução também é feita de responsabilidades assumidas: como a promoção da educação, o fomento ao desenvolvimento local, o combate e à adaptação à emergência climática e a promoção da diversidade.

O ESGCoop funcionará, portanto, como uma plataforma que conecta estes desafios às suas soluções. Fique atento às novidades do ESGCoop!

Liberando o potencial do ESG

O Fórum Econômico Mundial defende que a prática do ESG se inicia com iniciativas das lideranças e lista cinco ações para que os gestores possam atingir o potencial sustentável de suas organizações:

- **Envolver-se com as demandas das partes interessadas:** consumidores, reguladores e cooperados querem ver evidências dos efeitos das políticas ESG. Apenas transparência não basta, é necessário mostrar resultados.
- **Atender ao interesse dos investidores:** instituições com práticas sólidas de ESG atraem investidores qualificados. No caso das cooperativas, iniciativas sustentáveis vão atrair mais cooperados ambiental e socialmente conscientes.
- **Dominar as narrativas:** as práticas e resultados das medidas de ESG de cada organização devem ser usados para diferenciar seus negócios aos olhos do mercado. Para isso, é necessário estar atento às novas demandas.
- **Compreender os dados:** é importante ter a capacidade de entender e comunicar as informações dos resultados ESG. A comunicação efetiva dos dados é fundamental para que o impacto das iniciativas sustentáveis seja compreendido pelos públicos de interesse.
- **Ter uma abordagem ampla:** os fatores ESG têm de ser levados em conta nas decisões de todas as áreas da cooperativa, desde o desenvolvimento estratégico até a execução das tarefas.



Conclusão

Cooperativismo tem tudo a ver com a agenda ESG nos negócios: sustentabilidade ambiental, responsabilidade social e governança participativa. Mesmo assim, é importante estruturar e implementar o ESG de forma planejada e coordenada.

O mundo está mudando e pedindo instituições mais sustentáveis e conscientes. Essa procura pela adaptação às novas demandas sociais, ambientais e de governança faz com que o ESG atue como um impulso na busca pela inovação.

Como vimos, o cooperativismo nutre laços com o ESG. Desde que nasceu, o modelo cooperativista preza pela sustentabilidade ambiental e social e uma governança democrática e transparente. Ou seja, segue atual e inovador.

Não é por menos que muitas cooperativas estão entre os principais atores da inovação sustentável. Que tal, então, dominar o ESG com a sua coop? Na CapacitaCoop, disponibilizamos uma área temática exclusiva focada no assunto, com cursos sobre Compliance, Gestão de Riscos, Governança Corporativa e muitos mais.

inova.coop.br

SistemaOCB

sistemaocb

somoscooperativismo.coop.br

Contéudo desenvolvido em parceria com

coonecta

COOPERATIVISMO E INOVAÇÃO

coonecta.me